

ESCOLAS QUE NÓS VEMOS E ESCOLAS EM QUE NOS VEMOS

Luciana Velloso da Silva Seixas

Sou uma apaixonada por fotografias e algumas em especial exercem enorme fascínio. Quando comecei a escrever o texto sobre educação e imagens, imediatamente me veio à lembrança o dia em que me deparei com o livro *"O berço da desigualdade"*, do consagrado fotógrafo Sebastião Salgado. Folheando o livro, pude ver fotos de diversos países e cenários, onde milhões de crianças estudam em situações precárias e adversas. O fotógrafo captou cenas de "salas de aula" dos locais mais remotos do mundo. As espas estão relacionadas ao fato de que em alguns locais nem sequer havia uma sala, ou sequer paredes. Mas ali havia uma aula sendo dada, havia uma transmissão de conhecimentos, havia a tentativa de reprodução de um ambiente escolar.

Vendo aquelas imagens através das lentes de Salgado, podemos refletir sobre aquilo que reconhecemos como elementos que nos fazem imediatamente lembrar de uma escola. E vamos buscando em nossas memórias as tantas escolas pelas quais já circulamos, seja enquanto alunos/as ou não. Imagens que se juntam a outras imagens, compondo um mosaico que passa a fazer parte de nosso repertório mental. Poderíamos até fazer um exercício de analisar a primeira imagem que nos vem à mente quando falamos em escola. Alguns lembrarão da sua primeira escola no jardim de infância, outros podem lembrar de uma escola vista no último filme, mais alguns podem recordar de uma escola vista em uma foto de jornal.

E encaminhando nossa conversa para um terreno no qual já andei Tateando (2005), as fotos jornalísticas são, em grande parte, responsáveis por agregar novos símbolos, sentidos, concepções e significados ao nosso

repertório. Em análise das fotografias de dois jornais da cidade do Rio de Janeiro, pude perceber um pouco do como as escolas e aqueles que a elas dão vida são retratados e tratados pelas imagens. O quanto aquelas fotos nos diziam com seus textos e contextos. E o quanto elas ajudaram a narrar a situação da educação durante aquele ano, sempre de acordo com determinado ponto de vista e, no caso, o daqueles que vendiam aquelas matérias.

Partindo do pressuposto que nossas percepções partem de um ponto de vista – ou vários pontos –, entendo, da mesma forma que Kossoy (2002), que aquilo que irá determinar nosso comportamento diante de uma imagem está diretamente relacionado com nossas experiências anteriores e com nosso repertório cultural particular. O inverso do exercício proposto algumas linhas acima seria elucidativo nesse sentido: o que diríamos nós se nos fosse exibida uma foto de escola? Até a descrição mais pretensamente fiel da imagem em questão já viria repleta de nossos referentes ideológicos, sociais, culturais, éticos, emocionais etc. Não seria mais uma escola qualquer. Seria a escola que o nosso olhar está vendo. E como cada olhar é único, ele seria responsável por tornar aquela escola única, uma escola de um ponto de vista, composta por tantos pontos.

As polêmicas prosseguem: afinal, as imagens criam a realidade, representam a realidade ou vice-versa? Ou as realidades, no plural? E, para ir mais longe ainda, que realidades seriam essas? Muitas indagações se colocam e longe de mim a pretensão de dar uma resposta. Deixo aos meus interlocutores o convite para pensarem comigo, trazendo mais questões ao debate. Fica a reflexão: qual a escola que você vê na foto de Sebastião Salgado?

Sobre o(a) autor(a):

Mestranda do Programa de Pós-graduação ProPEd/UERJ e membro do grupo de pesquisa Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- BUARQUE, Cristovam; SALGADO, Sebastião. O berço da desigualdade. 2.ed. Unesco, 2006.
- TURA, Maria de Lourdes Rangel; VELLOSO, Luciana ; PEREIRA, Glícia Mendes . As fotos dos jornais e o Ensino Fundamental. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda; BARRETO, Raquel Goulart. (Org.). Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 63-80.
- KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. 3.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

